

Linhas cruzadas: decifrando o arquivo de Gonzaga Duque

Vera Lins

Aí Era um dos palácios do Minotauro
- o da minha infância para mim o primeiro
Ali o tumulto cego confundia
O escuro da noite e o brilho do dia
Ali era a fúria o clamor o não dito
Ali o confuso onde tudo irrompia
Ali era o Kaos onde tudo nascia

Sophia de Mello Andresen¹

COM O ESPAÇO CONFUSO, LABIRÍNTICO, LUGAR DE um tumulto cego de que fala Sophia pode-se identificar esse conjunto de traços deixados por alguém, dispersos pela ação do tempo e pela ausência daquele que seria a referência ordenadora. No quadro de Odilon Redon, Les yeux clos, de 1890, uma parte de mar encobre um corpo do qual apenas se vê a cabeça e o pescoço. A figura tem os olhos fechados que não fixam nenhum exterior, sugerem o sono e um espaço

¹ Andresen, Sophia de Mello. "O palácio". In: O nome das coisas. Lisboa: Ed. Salamandra, 1986, p. 20.

interior que pode ser apenas imaginado. Visto como quase emblema do simbolismo, pode ser também imagem do espaço do arquivo de um escritor, em que as obras publicadas surgem apenas como os pontos visíveis de um mundo submerso.

As buscas no arquivo podem trazer surpresas como uma outra visão dos trabalhos do escritor ou ajudar a precisar idéias, procedimentos e a própria imagem desse autor, que no entanto, mesmo com todas as escavações, mantém sempre alguns traços na sombra. O que fica guardado são fragmentos, que sobreviveram de um conjunto maior, exposto ao tempo e ao acaso das escolhas pessoais do autor e de seus herdeiros, por isso um conjunto de lacunas. São a esses restos, papéis cobertos de tinta e desgaste que se pretende dar um sentido. Em certos momentos parece quase impossível reconhecer o manuscrito de um romance ou de um conto inéditos, nas folhas soltas, sem numeração, ou decifrar uma assinatura, reconhecendo um outro escritor amigo. No entanto, o arquivo se revela um lugar em que a história se materializa, um lugar concreto de memória, desde que se consiga articulá-lo numa narrativa.

Apesar dessas lacunas, ao lidar com os manuscritos do arquivo de um escritor, cadernetas de notas, agendas, diário íntimo, percorre-se o caminho labiríntico da reflexão que configura sua obra. Como a reflexão é infinita, não há começo nem para o eu nem para a obra. Reflexão é imaginação, um pensamento sobre o pensamento, e as várias anotações, os manuscritos e as publicações vão criando uma espessura, uma trama de textos que possibilita à crítica lidar com o infinito de um universo de idéias. Para Schlegel, "apenas alguém que tenha sua própria religião, seu próprio modo original de olhar o infinito, pode ser um artista".²

Gonzaga Duque transita entre as artes plásticas e a literatura, o que se mostra em seu arquivo, em que se depositam traços feitos há mais de cem anos. Os primeiros textos, além de documentos como certidão de nascimento, são cartas para a futura sogra e a noiva,

² Schlegel, F. *Philosophical fragments*. Translated by Peter Frichow, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1991, p. 50.

para quem reserva um espaço no final da última página. A primeira é um bilhete de 1885 em que diz estar adoentado e não poder ir nem visitar a noiva nem ao trabalho no jornal Brasil. Várias contêm desenhos de um jovem que atua tanto como jornalista quanto como pintor. Sua correspondência mostra um percurso de vida e uma busca da linguagem em constante vaivém entre o verbal e o visual, cruzando limites e criando uma tessitura que une os dois domínios na produção do sentido. Num fragmento manuscrito reflete sobre o ofício de escrever:

Residindo os recursos do escritor unicamente nas palavras e tendo ele necessidade de exprimir os mais delicados fenômenos da sensibilidade com os mais sutis pormenores da percepção, é óbvio que.

Aqui o texto pára, e além de riscado é interrompido com um grande espaço em branco para continuar mais adiante:

E de que maneira dará ele a sua linguagem esse ronflo de violoncelo, essa crepitação de fogo? Certo que só o conseguiria pelos mesmos artifícios das artes plásticas. Se o colorista que deseja tornar intensa a luz de seu quadro analisa a decomposição química das cores espectrais para certificar-se da complementar, que dará valor aos seus tons, o prosador procura as palavras que, reunidas, propagam pelo valor prosódico a rapidez do vento, o crepitar das chamas, o áspero rodar d'uma carruagem.

A procura dessa linguagem faz com que Humberto de Campos diga que mergulha a pena na paleta. Suas cadernetas de notas são cheias de palavras inusitadas e seus significados de dicionário, anotações em francês de frases de outros como também, por exemplo, do título de um manual de esperanto. Uma surpresa são dois poemas seus: um manuscrito, Farândola das horas e outro, um recorte publicado não se pode dizer em qual jornal ou revista, sem título. Outra surpresa é um drama em três atos sintetizado no espaço apertado de uma delas, O amor é mais forte.

A intimidade em cena

A maior parte das cartas entre 1885 e 1889 são dirigidas à mulher, Júlia e criam uma narrativa. Em 1889 passa o ano fora, primeiro no interior do estado, angariando assinaturas para um jornal. Nelas pede à mulher que lhe mande bloco de telas e mostra-se um pintor impressionista, ativo em plein air:

Dizendo-te que passeio pouco, vês que não tenho pintado muito. Pintado quadros, entendes? Hoje à tarde, comecei um estudo das montanhas ao fundo cá de casa. É de um efeito bonito, e tom simpático.

A vida de boêmio se estampa no retrato que faz de si mesmo nessas cartas a Júlia, cabelos grandes com pincel e tela. Durante esse período grassa a febre amarela no Rio e numa carta fala dos cuidados que ela deve ter. Sabe-se que sua segunda filha morreu bebê, da epidemia e nota-se por algumas mudanças nas cartas que foi nesse período, embora faltem cartas em que se refira explicitamente à morte da filha.

No mesmo ano, em viagem a Lisboa, acompanhando o padrasto em tratamento de saúde, escrevia e pintava. Detesta a cidade e tenta ir a Paris, mas o dinheiro não é suficiente.

Mas uma carta de 17 de novembro de 1886 chama especialmente a atenção porque nela a pena corre livre, escreve e desenha, sai da linha, escapa à pauta, sublinha enfática ou embaralha os traços, circunscribe vazios, compondo um texto a ser decifrado. Se a carta se escreve no lugar da fala, esta aqui se faz desenho, levando ao extremo a visualidade da letra. Gonzaga Duque escreve à cunhada Judite, nas mesmas tiras em que redigia seus artigos para os jornais e, ao dar notícias da vida, dos parentes, do filho, da mulher, brinca irônico com a pena.³

O grupo boêmio

Conta o escritor Leoncio Correa, simbolista do Paraná que vive no Rio e lhe manda um pequeno texto de frases curtas, cortes de uma prosa rápida que fala de memórias da

³ Ver Cartas desenhadas, de Vera Lins.

boemia de 1890, que estes buscavam a revolução política e literária. Uma noitada imortal chama-se o texto que termina com um verbo novo "aurorecia".

Marcelo Gama e Bastos Tigre compõem um poema a quatro mãos na Confeitaria Colombo dedicado a suas bodas e vão marcando cada estrofe com um metal.

Um poema de Luís Delfino que parece copiado ou um original dado como presente, dizem ter sido muito apreciado na época: As três irmãs.

Estes nomes e textos vão compondo a cena dos amigos por entre os quais circulava e com os quais sua linguagem, suas idéias contruíam afinidades. Dario Veloso e Emiliano Perneta são amigos íntimos de Curitiba a quem manda o filho mais velho por algum tempo, em 1906. E numa curta troca de cartas se arma uma história. Algumas cartas de Gonzaga Duque ao filho foram guardadas por Oswaldo Duque e revelam sua preocupação de pai. Numa caderneta está anotado: "Oswaldo seguiu para Antonina a bordo do vapor Guasca no dia 9 de maio de 1906 às quatro da tarde".

Parece que o rapaz não é dos mais estudiosos e não se sabe bem porque é mandado para Curitiba para a casa de Dario Veloso. Fica tempos sem mandar notícias e uma carta do pai escrita às duas da manhã revela sua preocupação. Parece que Oswaldo se desentende com Dario e Emiliano Perneta, no Rio, escreve a ele como mediador.

Outras cartas revelam que Oswaldo se torna funcionário público e depois da morte do pai vai para a Biblioteca Municipal da qual Gonzaga Duque fora diretor de 1909 a 1911, quando morre.

Há uma troca de cartas com Cruz e Souza sobre a Revista dos Novos que os dois planejam criar.

Os amigos viajam, a maioria pintores que recebem o prêmio da Escola de Belas-Artes. Visconti lhe manda um bilhete apressado, em vésperas de ida à Paris, anunciando a chegada do quadro em que o retratara, avisando que falta uma segunda camada de verniz, que fica para sua volta. Roberto Mendes, paisagista, manda uma carta do Inferno, talvez

essa cidade mesma, modelada por uma modernidade, que Baudelaire, e Rimbaud já sentiam infernal e parodia o Navio Negreiro de Castro Alves clamando por Gonzaga Duque como o Deus que se esconde, não dá sua cara. E superpondo as linhas cria uma mensagem cifrada, so decifrável talvez por quem conheça a história e o personagem de que trata.

Sobre Roberto Mendes, Gonzaga Duque guardou o artigo que saiu em O Paiz em 1900 quando de sua exposição de paisagens. Há dois recortes também de A Imprensa. Nomes pouco conhecidos tomam a palavra e adquirem forma: Um sr. Auguste Petit agradece, em francês os comentários que fizera em artigo de Kosmos, depois publicado em Contemporâneos Delpino, pintor conhecido na época que se refugia em Barbacena, Julieta França, escultora que chega a ganhar prêmio da Academia e Gaston Guignard, um ilustre desconhecido (possível parente de Guignard?).

E uma carta de Nestor Vitor, o crítico afinado com os simbolistas agradece o envio de Graves e Frívolos e faz uma apreciação do livro e do papel que Gonzaga Duque desempenha como intelectual e crítico:

O traço mais singular e a um tempo mais belo da tua individualidade é justamente esse de possuíres o segredo de simpatizar tão intimamente com esse pequeno grupo que nos nossos ateliers vão pensando e produzindo, assentando as bases do que há de ser um dia a nossa arte, do que nos dará direitos superiores a fazermos parte da civilização. Mereces bem ser considerado o melhor dos amigos intelectuais com que hoje contam nossos artistas.

Nesta carta encontram-se pontos que Nestor Vitor desenvolve depois em artigo sobre a crítica de artes plásticas de Gonzaga Duque, publicado em O Globo.

Helios Seelinger e Luiz Edmundo Ihe enviam uma carta a quatro mãos, que chama atenção pela narrativa insólita. Desenhos se misturam às letras, em páginas numeradas com

capítulos de uma trama que é um acúmulo de desacertos. Helios e Edmundo⁴ viajam a Londres e escrevem ao amigo uma carta diário em que num emaranhado de desenho e escrita, as figuras dos dois heróis vão contando a aventura.⁵

No calor da hora: as cadernetas

Cinco cadernetas rabiscadas de todos os lados e direções contêm apontamentos desde os mais simples como o nome de uma personagem sua de uma novela inacabada *Sacrifício Inútil*, título de um conto seu de Horto de Mágoas. Traz a data de seu nascimento e a idade que teria no ano em que se passa a novela. O interessante é que essa anotação confirma a novela, folhas soltas sem numeração em que apenas as referências à personagem Maria Luiza davam uma unidade.

Algumas anotações rápidas apontam idéias que serão desenvolvidas depois em artigos ou abandonadas: "Ferri é um assunto magnífico". Em *Kosmos*, Gonzaga Duque escreve um artigo sobre a visita do anarquista italiano ao Brasil.

A supremacia do número de de escultores sobre o de pintoras francesas é singular. Dará uma boa crônica humorística. As mulheres mostram-se mais aptas para a escultura...por que? Será por uma inclinação natural do sexo? Será porque a escultura recorda melhor a forma humana? Talvez haja nisso um fenômeno instintivo.

Anota os artigos publicados no *Diário de Notícias*, o que tem interesse para coletar uma obra dispersa em jornais e revistas e embaralhadas pelos vários pseudônimos. Num caderno

⁴ Presumo que seja Luiz Edmundo, escritor e boêmio da virada do século, que, pela sua poesia, parece que esteve em Londres em 1905, ano possível dessa viagem. No poema "Londres", datado de 1905 e incluído no volume *Poesias* (Rio de Janeiro: Leuzinger & Cia., 1907) aparece já na primeira estrofe uma visão desencantada com a metrópole: "Londres ao pôr do sol és um lamento/Nessa luz fria, amarelada e baça? Que vem de um céu tristonho, um céu cinzento/Todo feito de nuvens e fumaça".

⁵ Ver *Cartas desenhadas*, de Vera Lins.

de 1888 se deu ao trabalho de decifrar Antônio Palheta e D. em artigos nos jornais O Paiz e Diário de Notícias. Num desses jornais comenta o retrato do "sr. Gonzaga Duque" feito pelo pintor Rodolfo Amoedo:

A tela é pequena. Fundo vermelho esbatido, um pouco gris; à esquerda uma mesa de pelúcia azul esverdeado, em sombra, sobre ele papéis esparsos e uma fila de livros; no fauteil, junto à mesa, está a figura, em pose natural, simples, contemplando com doçura o espectador. A luz vem de frente - devia passar por cima da cabeça do pintor - e apanha todo o busto do modelo.

Observamos: cabeça levemente inclinada sobre o ombro direito [...]

Em Kosmos atua duplamente como ele mesmo e como André de Resende. Numa carta a João Condé, em 1900, a questão do nome aparece como apenas uma escrita ou mancha, separada de qualquer substância: este final borrão que outra coisa não é este nome. Esse eu finissecular pode se espriar em vários outros, se desdobrar, porque já não é mais o sujeito cartesiano todo poderoso. Como no quadro de Odilon Redon, *Les yeux clos*, de 1890, em que a figura visível surge da invisibilidade, de um espaço de água que a encobre. A crise da figuração que abre caminho à abstração se dá a partir do sublime, de uma inadequação do mundo com o supra-sensível e do eu com o mundo. Esse eu tem os olhos fechados para o exterior e está meio imerso numa reserva inesgotável de sentido que dilui qualquer contorno fixo, é mancha ou borrão. Lembra o final do poema de Marcelo Gama⁶, em que a narrativa termina num borrão que apagaria suas construções:

Abanco-me a escrever...
E zás! Derramo a tinta.
Uma desgraça! Horror! E para que desminta
azar, e em meu destino o agoiro não influa,
corro à janela e atiro um jarro d'água à rua.

⁶ Ver poema *Noite de Insônia*, reeditado por Vera Lins, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

Uma nota fala do projeto de uma publicação sobre artistas contemporâneos, que talvez seja o impulso inicial do livro Contemporâneos: "reunir em grupos de 3 ou 4 a maior parte dos artistas - pintores, escultores, arquitetos - de sorte a fazer sobre cada um duas ou três tiras - é mais viável para a impressão, isto é, fica mais barato. Conservar extensos Amoedo, Visconti, etc. os que já estão feitos. Grupos a fazer - Isaltino Barbosa, Leôncio Nunes, Machado.

2 Brocos – Teidler

3 Malagutti

Arquitetos: Morales de los Rios, Heitor Mello.

Também nelas estão dados do cotidiano como o gasto diário nos anos de 1909-1910. Ou o hábito terapêutico de tomar banho de mar nas anotações de quantos cartões de banho comprou. Hábito que talvez tenha provocado a crônica "A Estética das praias", de Graves e Frívolo.

Manuscritos de contos inéditos

Um conto, inédito, sem título, talvez deixado de lado pelo próprio escritor, chama a atenção para temas que marcaram o simbolismo. Lembra o quadro de Odilon Redon em que o busto de uma mulher de olhos fechados se afunda no mar e figura esse eu naufragado, inapreensível, mergulhado nesse mar do inconsciente que marca as obras simbolistas. O inconsciente, o outro, já está presente tanto em Maupassant, que Gonzaga Duque diz estar lendo em carta a Julia, sua mulher, como o duplo, quanto em outros autores do século XIX como Poe. Nesse conto sem título um personagem visitando a casa de saúde do dr. Tobias se depara com um interno que o atrai. Os tênues limites entre o eu e o outro são questionado e a narrativa termina na fantástica identificação:

Por vezes duvidei de mim próprio. Que seria? A hipnose da contemplação... Mas fosse hipnotismo ou fosse fraqueza da vista, meu corpo deixara de ter densidade para mim e a sensação que eu tinha ao vê-lo, era que não o via com meus olhos senão com meu espírito.

Dos artigos de 1888 contra a arte acadêmica a Sangravidia, novela que ficou esparsa e inacabada, incluindo correspondência e pequenas anotações, o arquivo confirma um percurso libertário, textos que atravessam um imaginário radical, que ousam mergulhar nesse fundo invisível e inacessível, trazendo uma compreensão mais alargada de um momento da literatura brasileira.